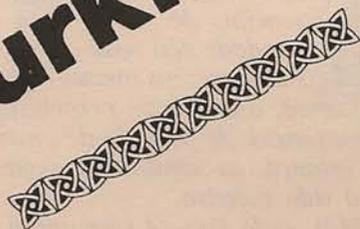


# A Moral Sociológica de



## Émile Durkheim



A sociedade é um fato da natureza que deve possuir suas leis. Os fatos sociais são mais complexos que os fatos psíquicos: por outro lado, porque são complexos, têm algo de mais flexível e tomam com maior facilidade as impressões das mínimas circunstâncias que os cercam. Por esta razão, têm um ar mais pessoal e se distinguem mais uns dos outros. Contudo, não devemos permitir que as diferenças nos façam desconhecer as analogias. Sem dúvida, existe uma distância enorme entre a consciência do selvagem e a do homem culto; no entanto, ambas são consciências humanas, entre as quais existem semelhanças que podem ser comparadas.

“Os economistas foram os primeiros a notar tudo quanto existe de vivo e espontâneo na sociedade. Eles compreenderam que a vida coletiva não poderia ser bruscamente instituída por um hábil artifício; que ela não resultava de um impulso exterior e mecânico, mas que é no próprio seio da sociedade que ela se elaborava lentamente”.

Porém não devemos exagerar o mérito dos economistas, que, entre outras coisas, substituíram a palavra natural por racional. E diziam: “as coisas devem acontecer assim porque seria absurdo que fossem de outra maneira”, e não: “as coisas ocorrem assim, porque foi estabelecido pela experiência”.

Para simplificar as coisas, os economistas as

empobreceram. Fizeram abstração de todas as circunstâncias de tempo, de lugar, de país, para imaginar o tipo abstrato do homem em geral, e, de abstração em abstração, só lhes restou o triste retrato do egoísta em si.

Durkheim partilha a idéia de Augusto Comte, de que a sociedade é tão real quanto um organismo vivo. Não há dúvida de que não pode existir fora dos indivíduos que lhe servem de substrato; no entanto, ela é outra coisa. Um todo não é idêntico à soma de suas partes, embora sem elas não seja nada. Assim também, reunindo-se sob uma forma definida e por laços duráveis, os homens formam um novo ser, que tem sua natureza e suas leis próprias. É o ser social. Os fenômenos que aí se passam têm seguramente suas raízes últimas na consciência do indivíduo. No entanto, a vida coletiva não é uma simples imagem aumentada da vida individual. Apresenta caracteres sui generis que só as induções da psicologia não bastariam para conhecer.

Assim, Durkheim define como objeto de estudo da Sociologia estes fenômenos, os fatos sociais; o método é a observação e a experimentação indireta (método comparativo). Agindo desta forma, chega às seguintes conclusões:

1. Existe em toda sociedade um certo número de idéias e de sentimentos comuns que as gerações transmitem umas às outras, e que asseguram, ao mesmo tempo, a unidade e a continuidade da vida coletiva. É o caso das lendas populares, das tradições religiosas, das crenças políticas, da linguagem, etc. Todos esses fenômenos são de ordem psicológica, mas não dependem da psicologia individual, já que ultrapassam infinitamente o indivíduo. Devem, pois, constituir o objeto de uma ciência especial encarregada de descrevê-los e de buscar suas condições: poderíamos denominá-la psicologia social.

2. Alguns julgamentos, admitidos pelos cidadãos em geral, apresentam, além disso, um duplo caráter: visam a prática e são obrigatórios. Exercem uma espécie de ascendente sobre as vontades, que se sentem como que forçadas a se conformar a eles. Reconhecemos, assim, as proposições cujo conjunto constitui a moral. Esta ciência tem por objeto estudar as máximas e as crenças morais como fenômenos naturais, dos quais busca as causas e as leis.

3. Algumas dessas máximas têm uma força de tal modo obrigatória que a sociedade impede, por meio de medidas precisas, que elas sejam infringidas. Portanto, deveria existir uma ciência do direito assim como existe uma ciência da moral, e entre essas duas, contínuas relações. "Haverá um dia que distinguiremos a ciência do direito propriamente dita, da criminologia".

4. Finalmente, a ciência econômica, que já existe mas necessita de uma reformulação, inclusive de método e doutrina.

Estas quatro ciências haveriam de conformar a Sociologia, que abrangeria muitos outros ramos de conhecimento, contudo, por se encontrar em estado embrionário, deve-se ter cautela, não se deixar levar pelo prazer de esboçar em grandes linhas tal plano, mas ocupar-se dos fenômenos que já serviram de matérias já constituídas, pois o passado garante o futuro.

Para Durkheim, a filosofia estuda dois tipos de fenômenos: uns relativos à consciência do indivíduo, outros à consciência da sociedade. Via uma futura dissociação da filosofia em dois grupos: a psicologia, de um lado, a sociologia de outro. "É particularmente da ciência social que provêm os problemas que, até então, pertenciam exclusivamente à ética filosófica, e que nós, por nossa vez, retomaremos". Mesmo porque, de todas as partes da Sociologia, a moral é a que mais o atraía. Ao invés de construí-la segundo seu ideal pessoal, observava-a como um sistema de fenômenos naturais que eram submetidos à análise, e cujas causas, acreditava, a experiência mostraria como sendo de ordem social.

Com respeito aos fatos morais, reconhecia neles fenômenos como os outros; consistem em regras de ação que se reconhecem por certos caracteres distintivos, por conseguinte deve ser possível observá-los, descrevê-los, classificá-los e procurar as leis que os explicam.

A moral é, para ele, um sistema de fatos realizados, ligado ao sistema total do mundo; pois um fato não se muda num abrir e fechar de olhos, mesmo quando isso seja desejável. Além disso, como o fato moral é solidário com outros fatos, não pode ser modificado sem que esses sejam atingidos, e é freqüentemente difícil calcular de antemão o resultado final dessa série de repercussões; os espíritos mais audaciosos tornam-se reservados diante da perspectiva de tais riscos.

Enfatizava a importância da divisão do trabalho, como sendo fator principal para a concretização do ideal de fraternidade humana, pois a divisão de trabalho produz a solidariedade, cria entre os homens todo um sistema de direitos e deveres que os ligam uns aos outros de maneira durável.

O valor moral da divisão do trabalho está

em que, por seu intermédio, o indivíduo toma consciência do seu estado de dependência com relação à sociedade; é dela que vêm as forças que o retêm e o contêm. Sintetizando, uma vez que a divisão do trabalho se torna a fonte eminente da solidariedade social, ela se torna ao mesmo tempo a base da ordem moral.

Sem dúvida, devemos também trabalhar para realizar em nós o tipo coletivo, na medida em que ele existe. Existem sentimentos comuns, sem os quais, como se diz, não se é homem.

Percebia a impossibilidade de se impor a todos o mesmo gênero de vida; pois temos funções diferentes a preencher, segundo nossas aptidões, e é necessário que nos coloquemos em harmonia com a função que nos é própria. Nem todos somos feitos para refletir; são necessários os homens de sensação e de ação, e também os de pensamento.

Via na educação um meio pelo qual a sociedade prepara, no íntimo das crianças, as condições essenciais de sua própria existência. Já que a sociedade não pode sobreviver, a não ser que exista entre seus membros homogeneidade suficiente, a educação perpetua e reforça essa homogeneidade fixando de antemão, na alma da criança, as similitudes essenciais exigidas pela vida coletiva.

Mas, tudo isso se torna uma utopia se não nos sacrificarmos, pois não podemos nos dar aos fins morais sem que percamos algo de nós mesmos, sem contrariar nossos instintos e as inclinações que estão mais profundamente enraizadas em nosso corpo. Não existe ato moral que não implique um sacrifício, porque a lei do dever não pode ser obedecida sem humilhar nossa sensibilidade individual. Podemos aceitar esse sacrifício sem resistência e até com entusiasmo. "Mas, mesmo quando ele é realizado com entusiasmo, não deixa de ser real: a dor que o asceta procura espontaneamente, não deixa de ser dor".



#### Bibliografia

1. Gabriel Cohn — "Sociologia"  
Livros Técnicos e Científicos Editora S/A, Rio de Janeiro, 1977.
2. A. Maria de Castro, Edmundo Fernandes Dias — "Introdução ao Pensamento Sociológico"  
Livraria Eldorado Tijuca Ltda., Rio de Janeiro, 1978.
3. Émile Durkheim — Coleção "Os Pensadores"  
Abril S/A Cultural e Industrial, São Paulo, 1978.

DAVID COHEN